

Ives Gandra da Silva Martins



**TEMPO
DE
LENDAS**

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS



TEMPO DE LENDAS

SUMÁRIO

PREFÁCIO	4
A N T A R	6
D I D O	14
ORFEU	21
MARABÁ.....	28
CANTO I.....	33
CANTO II	37
CANTO III.....	39
CANTO IV	41
CANTO V.....	44
CANTO VI	46
CANTO VII.....	47
CIRCE	49
O Poeta	50
Circe.....	51
O Canto de Circe	52
O Canto do Poeta	53
Romance.....	54
O Canto do Passado	55
Noturno de um Prelúdio	56

Prefácio

Reedito poesias que escrevi sobre cinco lendas, que vivamente me impressionaram, quando jovem.

Dizem respeito a cinco mulheres: Gul-nazar, Dido, Eurídice, Marabá e Circe. À sua maneira, representam, no imaginário de gerações, o ideal do mistério feminino.

Conservei as apresentações das edições anteriores e ofertas, mais uma vez, aquela que é meu ideal de poesia e – para mim – a lenda das lendas, a mulher de meus sonhos e de meus amores, a eterna Ruth.

Ives Gandra da Silva Martins
Presidente da Academia Paulista de Letras e do Centro de Extensão
Universitária – CEU
São Paulo, 17 fevereiro 2005

APRESENTAÇÃO

As três lendas que, na minha meninice, coloquei em versos, como homenagem a Ruth, minha companheira permanente nesta viagem pela vida, faço vir a à luz, revalorizando a forma, em tempos de descompasso.

São três lendas de amor: sublime, na história de Gul-nazar e Antar, trágica, na saga de Dido e Enéias e triste, no canto de Eurídice e Orfeu.

Quando menino, as três lendas impressionaram-me, vivamente, e continuam a impressionar-me agora, em que meu tempo vai se esgotando.

Ofereço esta lembrança a Ruth, a quem, desde 24 de Dezembro de 1953 amo, com a mesma intensidade e deslumbramento dos primeiros tempos, agradecendo a Deus tal presente imerecido.

São Paulo, Setembro de 2002.

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

ANTAR

INTRODUÇÃO EM PROSA DA LENDA DE ANTAR

A lenda de Antar e Gul-nazar foi immortalizada por Rimsky-Korsakof em seu poema sinfônico. “Antar”, caçador que salvou uma corça de ser dilacerada por animal selvagem, matando-o. A corça era a deusa “Gul-nazar”, que, se transfigurando em linda mulher, num gesto de agradecimento, ofereceu-lhe as alegrias da vida, inclusive da vingança e do poder, mas não a da paixão, pois, se um ser imortal amasse um ser mortal, este após o ato de entrega e de amor, encontraria a morte, e o imortal passaria a ser mortal.

O diálogo final entre Gul-nazar e Antar é aquele que, em versos alexandrinos, procurei retratar, em meu poema de 1952.

Gul-nazar

Antar, formoso Antar, por que me olhas tão vago,
Por que, no teu sofrer, não queres que eu te adores
O espelho de tua alma é duplamente triste,
Tocando duplicado o duplo espelho meu.
Teu ser inteiro arqueja, em tal melancolia
E em tal melancolia, arquejo, assim te vendo,
Sem que saibas, poeta, a dor, que me avassala,
De ver-te padecer, em nada te ajudando.
Pareces navegar no mar inavegável
Das loucas ilusões perdidas pelos jovens,
Pareces tão distante e tão distante estás,
Distante do que é teu, porém de mim distante,
Sem lema a conduzir-te e sem mesmo uma idéia,
Que eu não sei se em pensar teu pensamento é claro.

Teu coração, bastardo, é livre como é livre,
Na divindade meu augusto coração.
A indiferença os fez senhor de outros senhores.
Porém, pouco te importa, Antar, minha palavra.
És triste e triste sou, amiga sem amigo,
Enquanto vives só, já morto em plena vida.

Antar

Quão diferente sou daquilo que tu julgas,
Minha deusa imortal, ardente Gul-nazar,
Cansaço já senti, porém não mais o sinto
E o tédio desta vida existe porque queres.
Se vago sou no olhar é que meu coração
Vazio está também, acaso não o sentes?

Gul-nazar

Quão diferente estás, porém não do que eu julgo,
Mas do primeiro dia, em que te vi caçando,
Tão forte, tão robusto e tão gentil tu eras
Que mais me parecera um deus do que um mortal.

Antar

De enganos e ilusões a vida inteira é feita.

Gul-nazar

O teu olhar tristonho, então, era brilhante
E tinha tal fulgor e tal fogo por certo,
Que se o tivera um deus, assim não o tivera.

Antar

O mais rápido incêndio é sempre o mais potente.

Gul-nazar

A formosura eterna em teu formoso rosto,
Mais formosa talvez o fora em sendo rubra,
Que em pálida te sendo e em sendo te tão branca.
A formosura passa e passa o que é formoso.
Teu ser puro vibrava e nobre tu cantavas,
Altivo caçador, desafrontando a morte,
Desconhecendo, o Amor, buscando o tema novo,
Correndo atrás da caça e atrás de mim correndo,
Sem ver na corça arisca e leve, que fugia,
Se não mais um prazer, se não mais um sentir,
Uma nova emoção, mas um velho costume ...
E diferente estás, assim tristonho e débil.

Antar

O mais forte castelo é bem castelo fraco,
Se à antiga gente forte a fraca mal sucede.

Gul-nazar

Corria, bem me lembro e lembro-me, corrias
Atrás de mim, sem ver que a corça perseguida
Em graça, encanto altivo e gentileza, Antar.
Às outras, que caçaste, às outras bem vencia,
Sem ver nesta corrida o meu disfarce augusto
E sem ver que Palmyra, antiga potentade,
O fundo nos fazia e nos fazia a frente ...
Tivesses tu, então, a tua flecha aguda
Lançado contra mim antes que contra o monstro,
Que morta me quisera aos seus pés possuir,
E, por certo, bastardo, em seu lugar serias.

Antar

Antes morto estivera, então, que agora vivo.

Gul-nazar

Que dizes, bardo meu!!! Tu dizes não palavras,
Tu dizer, isto sim, tu dizes desvarios.
Não, não ... não posso crer, deliras ou talvez ...
Talvez, ingrato sendo, almejas meu perder
Que é te perder, Antar, na vida e no talento.
Acaso foste tu alguma vez tão rude?
Cruel desesperança em triste conhecer.
Quantas vezes temi um tão duro momento,
E, portanto, lutava em te buscando o Belo.
Tiveste da vingança a vingativa força,
Que vate algum a teve, Antar, com tal prazer.

E, quando saciaste a sede em rubra taça,
Á fome na abundância, ó louco, saciaste,
Ao ter todo o poder, que nunca outro mortal,
Teve, tem ou terá da deusa Gul-nazar.

Antar

Nem sempre pela vida é tudo tudo ter,
Em nada tendo só, porque o que tenho o mundo
Não tem, eu bem que sei, mas tem o que eu não tenho.
Sou poeta, Senhora, e aquilo que me agrada
Não é a bruta força ou o viver mais bruto.
Ter tudo é nada ter, formosa Gul-nazar,
Se o tudo é rude e cru, e brando e doce o nada.
O mistério, o poder, a vingança e a SAUDADE,
Eu conheci por ti, talvez não o devesse.
Tu fazes para mim a vida ser serena,
Tu olhas, curiosa, o meu mínimo gesto,
Tu lutas para ser feliz o meu destino,
Dizendo dedicar-te a mais pura amizade.
Não o creio, Senhora, e jamais o creerei.
Amiga tu não foste, amigo nunca fui.

Gul-nazar

Enlouqueceste, Antar ... jamais eu julgaria
Que tanto semeasse e tanto padecesse
Para uns frutos colher, sonhando colher outros.
Estás livre, Senhor, desta prisão doirada,
Que nunca desejaste e que eu desejei sempre;
Estás livre, Senhor, de mim, cruel Senhora,
Que tua escrava fui, mas que tirana viste,
Estás livre, Senhor, às lágrimas me lanço
Desde que ingrato fado ao meu fado se uniu.
Parte ...

Antar

Senhora!!!

Gul-nazar

Parte ...

Antar

Assim bem o farei ...

Antes, porém, que parta e nunca mais te veja,
Direi, porque de tédio a vida foi me plena.
Amigo nunca fui, não sou e nem serei.
Desde o primeiro dia o que fui para ti,
Não o sabes talvez, talvez não imagines.
Amei-te como um louco, em vendo-te, formosa,
A mais bela mulher, das quantas já cantei.
Sonhei com teu amor, com teu amor sofri
E em meu sofrer de vate a vida se desfez.
E, taciturno e mudo, a vi de mim partir.
Sou hoje um fraco espelho, uma recordação
De que eu outrora fui, daquilo que era dantes.

Como a lagoa fresca aos raios do sol quente,
Perdendo vai, sedenta, as águas cristalinas,
Se o sol numa estação maldoso se apresenta,
Ela, que, quando o sol mais fraco se fazia,
Em viço e formosura ao mundo se mostrava,
Assim também, senhora, eu sou, meu ser ardendo,
Pelo fogo do olhar, que nele tu deixaste
E que perdendo vai, sedento deste amor,
O cristalino elan da vida, outrora fácil.
Bem sei que se um mortal, um deus amar deseja

E se este deus deseja amar um ser mortal,
Neste amor o mortal a morte encontrará
E encontrará tal deus a morte dos amores.

Morrer pouco me importa, a morte será doce,
Se neste amor tiver o meu maior prazer,
A ti, porém, mais rude o rude padecer
Será depois que morto eu for na eternidade.
Mas eu como não creio e como não senti
Jamais amor algum no teu bom proceder,
Sozinho partirei, bem certo que dirás:
“Antar não foi ingrato, agora é que percebo”
Adeus!

Gul-nazar

Eu te suplico, Antar ...

Antar

Que queres mais?

Gul-nazar

Apenas teu amor, Antar, nada mais quero ...

D I D O

ANA

Já de Enéias a frota no horizonte,
Cartago não mais vendo, como vira,
Encontra-se, Senhora, e o povo dorme,
Não sabendo partida ser do porto
A esquadra, que a maré mais distancia
Da terra, que a salvou da morte crua.
As velas distendidas pelo vento,
Nos mastros arredondam-se serenas
E, nos seus postos, os dardanos bravos
Obedecem as ordens de seus chefes.

DIDO

Mas, Ana, ainda não creio no que dizes.
Verdade isto não é, dize, Senhora,
Estares a brincar com tua irmã.
Enéias não partiu, tenho certeza,
Ele disse me amar. As nossas bodas
Serão quando de novo na amplidão
Surgir pálida Febe inteiramente.
Somente sete dias faltam, pois,
Para que Enéias seja de Cartago
O novo heróico e ingente soberano.

ANA

Os barcos lá se vão e s'inda queres
Dos troianos guardar recordação
Da sacada aproxima-te, Senhora,
Que assim verás o brilho destes vasos.

DIDO

Não, não ... não quero não, não quero vê-los
Ou talvez ... talvez não ... não queira assim
Desiludir-me já do meu sonhar.
Como fora formosa a vida, enquanto
O filho de Afrodite com Anquises
Murmurava ao meu lado seu amor
Não, não. Isto é mentira, minha irmã.
Tu mentes na ilusão de um desengano,
Tu mentes por amá-lo como nunca
Herói amaste algum mais forte e grande,
Tu mentes porque queres arrancar
Das minhas mãos um tão sublime chefe,
Tu mentes, sim, irmã, e como mentes!

ANA

Ó desvairada estás, filha de Belo,
A luz da razão toda te partiu.
Vem tu, com calma, para ver daqui
As velas encrespadas das galeras
Sumindo no horizonte ao despertar
Da cândida manhã, filha da Aurora.
Já Febo, pelo céu, seu carro augusto
Dirige indiferente, mas divino.
Vem tu, irmã, sou eu quem te suplico.

DIDO

Sim é verdade, sim, já lá vai longe
A frota dos dardanos prepotentes
E eu fico cá sofrendo minhas mágoas,
Não sabendo se os choro ou se os maldigo.

ANA

Que resta executar, rainha altiva,
Para o povo acalmar, quando acordado.

DIDO

Manda tu preparar os funerais,
Os mais ricos e os mais cerimoniais,
Que até hoje Cartago j'assistiu.

ANA

E para que, Senhora, os funerais?
Será que morrerás de amor por ele?

DIDO

Não, não, querida irmã, é que matá-lo
Eu em símbolo irei a Byrsa toda.

ANA

Vou buscar cumprimento as suas ordens.
(e sai)

DIDO

Como fora possível, como fora
Que tanto amor nascesse no meu peito?
Não vira Zeus potente meus trabalhos
E puniu-me sem ter tal merecido.
De Tróia o incêndio rude não mais era
Tão rude como o amor, que me incendeia,
Mas Tróia ardeu sublime, sem defesas,
E defendida eu ardo, não sublime.

Senhor, maldigo a sorte impenitente,

Que gerada me fez no Tyro ser,
Filha adorada do adorado Belo.
Maldito seja o instante, em que Sicheu
Por meu irmão foi morto, num altar,
E que, deixando o amor, que eu lhe tivera,
Partiu para tombar no reino d'Hades.
E desgraçado seja eternamente
O dia em que a Mãe-Pátria abandonei,
Repleta de riquezas e de glórias.

Se eu em Chypre restasse, lá chegada,
Pungente não seria minha vida.
Amaldiçoado seja, pois também
Quando de Chypre, plenos de donzelas,
Os vasos trouxe às terras africanas.
Fui infeliz, fazendo que Cartago
Fruto fosse de um boi de couro tenro.

Os muros rebatidos e invencíveis,
Que os flancos desta costa, altivos, cobrem
E que guardam o povo, o mais valente,
Das guerras e das pazes sorrateiras,
Não defenderam nunca a pobre Dido,
Que de amor desvairada retombou
No falar enganoso de um herói,
Se nobre frente a luta de gigantes,
Covarde frente a mim, que sou mulher,
Que frágil sou, que sou pálida e, enfim,
Que sou apenas uma pobre amante.

Por ti ardeu meu seio indiferente
A nobres, a formosos, a valentes,
E tanto ardeu, Senhor, que seus escombros

São mais monumentais que os de Ilion.
Heitor, que mais que tu fora guerreiro,
Jamais trouxe Andromaca na ilusão,
E a linda feliz foi nos braços seus,
Chorando mágoas mil, quando de Tétis
O filho seu marido esquartejou,
Na defesa divina da nação,
Da família, porém mais de Andromaca

Que diferente sou, contudo, dela.
Foste, quem me iludiste o tempo todo,
És tu, quem me abandonas calmamente
E sou quem por ti vou morrer sofrendo
E quem me chorará serás talvez ...
Ó ... mas que estou dizendo? Já deliro,
Jamais tiveste, Enéias, sentimento,
Ó tu que de ilusões meu coração
Transbordaste, por que tu me abandonas,
Fugindo ao meu carinho verdadeiro?
Por acaso não sou rica e formosa?

Por acaso Cartago fulgurante
Não será no futuro mais potente
Que as colônias, que restam pelas costas?
Por que tu me abandonas, meu cruel!
Herói divino, mas sórdido herói?
Por ti a espada fria da bainha,
Que esqueceste na ceia de outro dia,
Saindo, mais gelada do que fora,
Muda trespassará meu corpo ardente,
Que belo, como a flor da primavera,
Fenece, quando parte esta estação.

Os fogos ardem já pelos altares
E tu dos barcos teus pode'avistar
Os funerais da bela e pura Elisa,
Que ao ser mulher de ação, Dido chamada
Foi por Cartago inteira, em regozijo.
Maldito seja o dia, em que sonhando,
Pensei ter encontrado o casto amor
Que desejei, por ti mudado em ódio,
O mais ferino, o mais cruel e rude.

Coragem não me falta, foi chegado
O momento da vida abandonar.
Ó sombra de Sicarbas, vem mostrar-me,
Como outrora mostraste-me o perigo,
O caminho de trevas do Aqueronte.
(e mata-se)

ORFEU

Tange, Orfeu, sozinho, tange a lira agreste
Para afugentar a dor, que te devora,
Na floresta calma, embaixo de um cipreste,
Dorme para sempre Eurídice e singela,
Como se dormisse em teus braços outrora.
Tange, Orfeu, a lira, tange e lembra dela.

Ao tangir pungente, entoa um triste canto,
Ó poeta amante, sem o amor da amada,
Canta, Orfeu, sozinho, canta que teu pranto
Enche a selva toda de melancolia,
Canta, Orfeu, e lembra da formosa fada,
Que morreu por ti e muito te queria.

Olha os animais, Orfeu, que o teu penar
Recobriu de dor, de dor por tuas mágoas,
Tanto sofrimento fez que novo mar
Filho seu nascesse, em lágrimas brotado
Pelo transformar dos corações, em fráguas,
Dos nobres amigos, olha todo o lado.

Tanto amor tiveste, Orfeu, e tão ardente,
Que perdeste Eurídice, por tanto amor,
Tu, que até Plutão, supremo e indiferente,
Recobriste em pranto, faze ao que te resta
Dos amigos nobres, que choram de dor,
A felicidade, canta na floresta.

Nunca mais mulher alguma, grande Orfeu,
Teu amor terá ou tua inspiração,
A paixão da morta é grande e não morreu,
Como não morreu a dor, que te entristece,
Canta, Orfeu, o canto que no coração
É mais lindo e puro que uma santa prece.

Tange, Orfeu, sozinho, tange a lira agreste
Para afugentar a dor, que te devora,
Na floresta antiga, embaixo de um cipreste,
Dorme para sempre a amada e tão singela,
Como se dormisse ao lado teu outrora,
Tange, Orfeu, a lira ... tange e lembra dela.

MARABÁ

Caro Ives:

*A lenda de Marabá adquire dimensão nova em suas mãos.
Reencontro amadurecido o jovem poeta que tive a alegria de
prefaciá-la há muitas luas.*

*Você dá ao indianismo sentido de contemporaneidade,
descobrendo na floresta dos mitos a trilha que nos conduz a um
vero-romantismo.*

*Tudo sonhado e escrito numa linguagem que renova e
encanta.*

*O poema está pedindo um grande compositor que o
musique.*

*Vejo com alegria que o ilustre jurista mantém vivas as
raízes líricas e que essas raízes se voltam agora para o solo do
encantamento da Amazônia.*

*Prossiga nessa demanda do Eldorado e receba o abraço
muito amigo de seu irmão em Poesia.*

Paulo Bomfim

São Paulo, 12 de fevereiro de 1990.

Prefácio a 1ª edição

Os dois poemas que publico pela CEJUP, em edição do Clube de Poesia, foram escritos há algum tempo.

Com “Marabá”, concorri aos jogos florais luso-brasileiros, tendo dividido o primeiro prêmio com Domingos Carvalho da Silva.

“Circe” é uma seqüência de sete sonetos ingleses, em que o poeta se imagina perante aquela deusa que transformava seus amantes em animais. Ele a vê linda e pura no início, ama-a até ser alertado pelos fantasmas dos que por ela morreram e se afasta, como chegou. A alegria da surpresa, porém, é substituída pela melancolia da verdade.

Em época e país em que os valores culturais são substituídos pelo despotismo dos governantes, pela massificação dos meios de comunicação e pela falta de patriotismo das elites, retorno ao porto seguro da poesia para respirar o ar não poluído dos campos permanentes da esperança e da ilusão. E recuperando as forças necessárias, volto à luta contra aqueles que teimam em não respeitar a nossa pátria e a nossa gente.

IGSM

MARABÁ
Para minha filha Regina

A lenda de Marabá é um misto de poesia e heroísmo, com que os que a criaram ou a colheram da cultura autóctone, procuraram dar idéia das primeiras dificuldades originadas do encontro de dois povos diferentes, no Brasil, a saber: o português e o indígena.

Marabá é filha do amor de um conquistador português e da descendente de um nobre guerreiro índio, que vive só, desde seu nascimento. Herdou do pai a cor dos cabelos e a coragem, e da mãe a beleza e o devotamento a um amor. Apaixonando-se por um cacique de sua tribo, já comprometido, foge com este para se encontrar com os portugueses. Perseguidos pela tribo, vem o seu prometido a se ferir mortalmente em batalha e a encontrar, também, a morte, nos braços de seu pai, pelas mãos de seu amado, que não compreendendo o gesto do reencontro, pensando fosse Marabá cair em mãos de outro, mata-a, em seu último gesto.

O poema é dividido em sete partes. Na primeira, Marabá conhece Ipojuca, quando este a salva de ser morta por uma onça. Na segunda Marabá conta sua história a Ipojuca. Na terceira, Ipojuca e Marabá se amam. O amor é descoberto pela noiva de Ipojuca, na quarta parte, prometendo esta vingança. Na quinta parte, a noiva incita a tribo a perseguir o casal, que foge para se

encontrar com os portugueses, na sexta parte. Na última, Marabá é descoberta pelo pai e morre atingida por Ipojuca.

CANTO I

-I-

A lua dentro do lago,
No silêncio do noturno.

A bela junto às estrelas,
Na relva grande sumida.

O fundo negro do lago
E dentro do lago a lua.

A terra de relva escura
E a bela despercebida.

A negridão do noturno,
Cintilações das estrelas.

Os sonhos recordações
Distância da virgem-só.

Caminho da incertitude,
Anseios desconhecidos.

Estrelas da negridão.
E dentro do lago a lua.

Noturno da solidão,
Desejo da virgem nua.

A bela, corpo de anseios
Anseios desconhecidos.

O fundo negro do lago
E a terra de relva escura.

-II-

E de repente, um bramido,
Pelo silêncio, em pedaços.

A bela pula, desperta,
A fera pula depois.

O espelho negro do lago,
Estilhaçado no choque.

Na escuridão do noturno,
A lua fora do lago.

-III-

A bela, cabeça apenas.
Dois astros de fria espera.

A fera, músculos, margem.
Dois vulcões incandescentes.

A lua dentro do lago.
No silêncio do noturno.

-IV-

O silvo, a flecha e o rugido
Rasgando os ares, de um golpe.

Um corpo dentro do lago
E fora do lago um corpo.

-V-

- “Quem és, Guerreiro da noite?”

- “Sou a Noite do guerreiro”.

- “És a Noite do guerreiro! ...

Acaso as sombras te irmanam
Das sombras Sombra primeira?”

- “Sombra primeira das sombras,
Irmanadas pelas trevas.
O Dia busco sem Noite”.

- “O Dia buscas sem noite!
O Dia, que é Dia grande
Para buscares na Noite?”

- “Nas noites, a Busca é certa
E os dias certos, incertos.
A Noite sou eu nas noites
E o Dia alguém há de ser”.

- “E o dia alguém há de ser!
Ó Noite, acaso o teu Dia
Há de haver nos dias-noites.
Ou a busca que assim buscas,
Não será Noite sem Dia”?

- “Sem Dia a Noite seria
Se a Noite-Dia não fosse”.

- “Sem Dia a Noite seria

Se a Noite-Dia não fosse ...
O Dia, devo-te, Noite”.

- “A Noite deves-me, Dia ...”

CANTO II

“Era um belo guerreiro cor do sol.
Fora à caça talvez. A caça foi.
Um bravo desbravado pela selva.
Esquecido dos seus, dos nossos visto.

A batalha mais breve que calada.
Dois fortes da floresta com Tupã.
Com os nossos o forte de além-mar.

Quando a Lua, no etéreo fez-se inteira
Mil índias desejava a Noite-Sempre.

Anhembira era o chefe, a filha Iná
E o sorteio da filha deu a mãe.

Iná, morena Virgem da Alvorada,
Pelo pai destinada a algum cacique,
Da rede em que dormia o prisioneiro,
Aproximou-se, muda e sem amor.
A noite era mais fria que esta noite...
O prisioneiro olhou-a, indiferente,
E disse: — “A que destino feio e triste
Esta bárbara gente te mandou!

Sem me amares teus sonhos corrompidos
Pelo esposo, da morte condenado,
Serão nas poucas horas que me restam.
E após, o desencanto, a eternidade

E os desejos inúteis para sempre.
Seja-te leve o fardo e a terra a mim”.
E apenas se calou, nos braços brancos,
Tomou o corpo quente da gentia.
E o tempo se passou. É curto o tempo.
A Virgem da Alvorada, de repente
Enternecida, viu-se transformada
E docemente forte... e calma e linda
Ao guerreiro cabelos cor de milho
Assim falou: “Senhor, sou tua esposa,
Prometida, em sorteio, sem amor,
E já de amor tomada. És meu. Sou tua.
Tupã é grande e sábio seu pensar,
A lua está dormindo nas alturas
E dorme a tribo toda de cansaço.
Hei de salvar-te a vida. Vem comigo.
O rio fica perto. A selva sonha
E o canto do silêncio há de guiar-me”.
Duas sombras cobertas pela lua,
Durante a noite, inteira. Despedida.
Um anel com Iná, na areia olhando
Um barco no horizonte, O sol nascendo,
Anhembira chorando a filha longe
E a tribo revoltada. Nada mais.
Duzentas e setenta e quatro luas
Passadas tinham sido quando o brilho
Da noite, em vez primeira apercebi.
Algumas mil após, Iná contou-me
Aquilo que te conto. Era eu menina,
Menina, mas sozinha já vivendo.
Deu-me, então, este anel e só partiu,
Chamando-me, à distância, “Marabá”...

CANTO III

-I-

“Teus olhares verdes são as tochas tristes,
Da festa agonizante,
Teus olhares verdes são os cantos ternos
Do sonho de um instante.

Teus cabelos milhos são os sóis esguios
Em mares que desejo,
Teus cabelos milhos são as áureas nuvens
Nos cânticos de um beijo.

Tuas faces alvas são as praias frias
Da fonte de água clara,
Tuas faces alvas são os frutos novos
Da virginal seara.

Teus lábios cerejas são os favos-mel
Em árvores perdidas,
Teus lábios cerejas são os fogos rubros
Das noites desmedidas”.

-II-

Marchou a terra pelo Eterno
E a lua centro fez-se triste
E por um arco se mudou.

-III-

- “Pelo tempo sem espaço,
Eu te adorei desde sempre.

E te adoro desde agora
Por um espaço, sem tempo.

Agora e sempre
Sempre e agora.
Marabá”,

-IV-

- “Eu fui só.
A vida é doce ao lado teu.
Eu te adoro para sempre, desde agora,
Noite do guerreiro”.

-V-

Um arco refletido, indiferente,
Nas águas da lagoa.
Dois corpos pela relva.

CANTO IV

- “Ipojuca!... Teu nome há de ser vil,
Teu nome tantas vezes celebrado,
Ipojuca!... Teu corpo há de tombar,
Teu corpo tantas vezes elevado.

Serpentes nascerão de tua carne,
Asquerosas, rasteiras, com feridas,
E a terra será seca, onde jazeres,
Sem plantas, sem pegadas, sem presentes.

Ipojuca!... Teu nome há de ser vil,
Teu nome tantas vezes celebrado.
Ipojuca!... Teu corpo há de tombar,
Teu corpo tantas vezes elevado.

Os anos tornarão o tempo Eterno
E o Tempo-Eterno chamar-te-á maldito,
Os homens morrerão no Eterno-Espaço,
Maldito inda, na morte, te chamando.

Ipojuca!... Teu nome há de ser vil,
Teu nome tantas vezes celebrado,
Ipojuca!... Teu corpo há de tombar,
Teu corpo tantas vezes elevado...”

“Moema basta, que as palavras cansam...
Tanto falaste e não falaste nada.
Marabá... Sou a Noite do guerreiro

A Noite de Ipojuca, o bravo forte,
Cacique de uma tribo de valentes,
Heróica sempre e sempre vitoriosa.

Prometido em infante, a quem me fala,
Deixei a minha glória e o seu amor
Pela busca do Dia, que me deste...
Amei falar de símbolos, os símbolos
Que tu tão bem sentiste, mas que, escárnea
Moema amaldiçoa agora mesmo...
A vida do tapir é dentro d'água
E nunca num deserto... Assim sou eu..."

- Ó sórdido guerreiro... Como és vil
Mas ouve-me Ipojuca... e Marabá.
Amei, outrora e sempre, o bravo chefe
De um povo de valentes, que é meu povo
O chefe, que foi bravo, o abandonou,
Contudo, o povo... o povo é de valentes
E um chefe novo há de ser novo chefe.
Que os deuses compadeçam-se, bondosos
Do vosso amor mesquinho e tão pequeno,
Vivendo de escondido e pela sombra,
Que a cólera da tribo há de ser grande",

- "Dizes, Moema, outrora ter amado
A quem agora eu amo. Não o creio.
Qualquer amor é filho da renúncia
E tu não sabes, louca, renunciar,
O nosso amor é forte como o Eterno
E a compaixão dos deuses dispensamos.
A cólera de um povo por mais forte
Há de ser fraca junto ao nosso amor.

Teus bravos, como os chamas, todos, todos,
Que venham contra nós, armas nas mãos,
Que havemos de chamá-los, desarmados,
Sozinhos, entre tantos, de covardes.
Hoje mesmo partimos desta terra
Em busca de meu pai, que mora longe,
E o temor que vos temos é tão pouco
Que não te escondo nada... Corre... Corre...
A tribo inteira chama... persegui-nos...
Que todos vós, sozinhos, não tememos”.

CANTO V

- “Ó guerreiros da tribo dos fortes,
Esta história de fracos ouvi,
Que eu não minto e Tupã, meu Senhor,
As palavras, que eu digo, j’ouvi.

Ipojuca, que é bravo e que é forte,
Que seu povo, na guerra, comanda,
Que as vitórias, que tem, lhe são tantas,
Como os astros nascidos do céu;
Ipojuca, que é belo e que é nobre,
Que as mulheres da tribo desdenha,
Que do amor busca fuga nas noites,
Como as feras banidas do campo;
Ipojuca, que é justo e que é sábio,
Que os enfermos socorre, bondoso,
Que, sozinho, afugenta a maldade,
Como o sol nas manhãs as estrelas;
Ipojuca fugiu de seu povo,
Ipojuca chorou, por estranha,
Ipojuca esqueceu da justiça.
Uma estranha formosa os seus olhos,
Sem ardor e sem brilho tornou.
Uma estranha formosa por trêmula
Sua voz de valente mudou.
Uma estranha formosa aos seus músculos
Toda a força de bravo tirou,
E Ipojuca, levado lá vai,
Pela estranha formosa, que o tem.

Por acaso Tupã é mais fraco
Do que quanto esta tribo nasceu?
Por acaso este povo gigante

Se olvidou de Tupã, meu Senhor?
Por acaso Tupã e meu povo
Pelos anos as forças gastaram,
Que uma estranha formosa e um guerreiro
Humilhando guerreiros de outrora,
Orgulhosos, nos deixem, sorrindo,
Agredidos os nossos rincões?

Se a vingança da tribo dos fortes
Esperar um momento, não mais.
Que meus filhos Tupã os sufoque
Quando forem, no ventre, gerados,
Porque é triste viver entre fracos
Para afronta tamanha lavar.
Só a morte dos dois é tamanha,
Que me sigam os fortes, apenas,
Que dos fracos Tupã se apiada”.

CANTO VI

A campina,
Um lago cor do sol.
A floresta, uma margem,
O forte, outra.

A horda da floresta
Deixa a sua.
O lago em tempestade.
Vagalhões.

O batalhão do forte
A sua deixa.
Uma pedra estilhaçando
A superfície do lago.
Espraiamento.

No centro,
A Noite e o Dia
Pinheiros emergindo
De uma ilhota,
Em face da tormenta.

CANTO VII

-I-

-”Noite, procura do Dia,
Dia prelúdio da Noite”.

- “Teu povo foge, Ipojuca,
Ao fogo do povo meu.
Ipojuca, estamos salvos”,

- “O brilho da lua é forte,
Mas vejo as sombras tão perto”.

- “Meu povo chega, Ipojuca...
Tuas chagas sararão”.

- “Os raios rubros do sol
Emanam do corpo meu
E deixam chegar, calados,
Os brancos raios da lua”.

-II-

Marabá de joelhos tendo
Ipojuca pelos braços.
O grupo do forte junto.

-III-

- “Meu Deus, este anel foi meu!
Minha filha.. és minha filha!”

-IV-

O velho capitão loiro
Tomando a bela nos braços,
Dizendo, quase a chorar,
“Minha filha, minha filha”,

Um silvo agudo de flecha
Um grito de Marabá
E as palavras de Ipojuca.
“Ou só minha ou de ninguém”.

-V-

A lua sobre a campina
E duas cruzes no meio.

CIRCE

Para Paulo Bomfim

I

O Poeta

Rosto sereno, como a lua cheia,
Atrás de um véu nublado... O meu, sozinho.
Olhos cansados presos pela areia,
Perdidos na planície sem caminho,
Rosto sereno, como o céu de estrelas,
Atrás de um véu nublado... O meu tristonho.
Olhos cerrados, sem porém, retê-las,
Perdidos no silêncio pelo sonho.
Rosto sereno, como a noite clara,
Atrás de um véu nublado... O meu, vazio,
Olhos calados, longe da seara,
Perdidos no deserto sem estio
Eu e Circe... Surpresa da esperança,
Da solidão, que, em vida, não descansa.

II

Circe

Do caos surgiu meu reino, eternamente.
Cresceu a Noite depois dele, calma,
E o Dia a conheceu inda inocente.
Sou filha deste amor, Deusa sem alma.
A solidão levou-a. Não senti.
Perdeu-se mansa origem na tormenta
E a mansa origem logo eu esqueci,
Sonhando amores que a distância aumenta.
Amei muitos valentes, que, entretanto,
Paixões tiveram próprias de animais.
Mudei-os no que foram. Meu encanto
Temido foi, então, pelos mortais...
Eu sou a deusa eterna sem antiste,
Que vive o lado triste de ser triste.

III

O Canto de Circe

E o teu silêncio um dia, à minha fonte
Contou a tua busca. Busca vã.
E eu quis ouvir o canto do horizonte
E ser chamada, uma vez, mais irmã.
Cruzei a eternidade, novamente.
E o sonho, novamente, me embalou.
Não é difícil ver a alma que sente
E eu vi que o tempo o tempo não mudou.
Achei-te desejando-me, serena,
Serena, apareci-te e cá me vê;
Teu canto é sombra que deseja e pena
Capricho sem futuro e sem talvez...
Eu sou aquela, que te quer amante,
Dos deuses e dos homens tão distante...”

IV

O Canto do Poeta

- “Meu canto é nuvem... Solidão do eterno,
Espelho d’alma sempre, como o olhar.
Tem a frieza trêmula do inverno
E o desejo senil da lua par.
Meu canto é nuvem... Sensação de vida.
Cofre dos sonhos como o coração.
Tem o calor da terra prometida
E o descortínio imenso da amplidão.
Meu canto é nuvem... Tentação da origem,
Luz diferente da distância escura.
Tem o brilho escondido da vertigem
E as trevas solitárias que procura.
Meu canto é nuvem... Pálido acalanto,
Que ao mundo nada causa e a mim espanto”.

Romance

- “O dia desfalece uma vez mais,
Enquanto o olhar repousa no horizonte,
Ouve-se ao longe cascos de animais
e alguns correm beber em tua fonte.
Amo-te, Circe...” - “A noite principia
Meu leite, como se só nosso fosse,
Compartilha comigo inda este dia.
A eternidade, enfim se me fez doce...”
- “O rio dos teus lábios, minha irmã,
A sede despertou-me, de repente”.
- “A imagem do recato faz-se vã,
Mitiga a tua sede mansamente.
Eu sou a deusa que se faz anseio,
Sonhemos nosso sonho, sem receio...”

VI

O Canto do Passado

- “Tombou, um dia, a noite por Sarmate
E seu rei pela esposa assassinado,
Encontrou. Foge dela, calmo vate,
Se o destino temeres ou tal fado...”

- “Eu sou o eterno Glauco. Scilla, a bela,
Amei outrora, em monstro transformada
Por circe, a feiticeira. Foge dela,
Se a morte, não quiseres malfadada...”

- A sombra sou amante do Canente,
Com lágrimas desfeita pelos ares.
Em ave fui mudado. Lentamente,
Foge dela, se a vida, inda prezares...”

- “Não vale o amor de um coração ferido,
Senão pelo prazer de ter vivido...”

VII

Noturno de um Prelúdio

Rosto sereno, como a lua cheia,
Atrás de um véu nublado... O meu, sozinho;
Olhos cansados presos pela areia,
Perdidos na planície sem caminho.
Rosto sereno, como o céu de estrelas,
Atrás de um véu nublado... O meu, tristonho,
Olhos cerrados, sem, porém, retê-las,
Perdidos no silêncio pelo sonho.
Rosto sereno, como a noite clara,
Atrás de um véu nublado... O meu vazio,
Olhos calados, longe do seara,
Perdidos no deserto sem estio.
Eu e Circe... Tristeza da esperança,
Da solidão, que, em vida, não descansa.